

Fragmentos de uma parte desconhecida do Brasil, mas cuja história vem revelada em redondilhas e cantorias pelo teatro, por Alexandre Mate¹

Há flores e cores concentradas
Ondas queimam rochas com seu sal
Muita coisa, quase nada
Cataclismas, carnaval

Há muitos planetas habitados
E o vazio da imensidão do céu

Caetano Veloso (*Ela e Eu*).

Em tese, o ser humano é gregário. Gente – assim como tantas outras espécies – tem necessidade de agrupar-se, estar reunida, andar em bando. Antropologicamente, e novamente em tese, o ajuntamento, ao longo do processo histórico, tem tendido a proteger e a massacrar, a criar e a preservar uma identidade e a impor comportamento padronizado, a promover encontros e à solidão partilhada. Na verdade, na rolança dos tempos, segundo Camões: “tudo é composto por mudanças...”. Cada pessoa nascida no imenso território que forma o Brasil se diz brasileiro/ brasileira, mas tal afirmação não implica conhecer a si, a quem está mais perto, sua própria origem.

Portanto, não se trata de retórica vazia afirmar que o processo de agrupamento tem implicado, quase sempre, tendo em vista a sociedade na qual nos inserimos, na criação de uma bolha apartante de quase tudo à volta. A potência ilimitada das capacidades cognitivas, sensíveis, inventivas, fraternas (de gente que teria nascido para brilhar), ao esbarrar nos imensos “diques de contenção do real entusiasmo de um viver significado” impostos pelo ideário das classes dominantes, pelas religiões nefastas, por uma imprensa tendenciosa, os templos de obscurantismo televisivos... tudo fazem para nos levar, cada vez mais à extensão do número de horas de sono, articulada à sensação de sempre sentir que tem o sono atrasado.

As chamadas “peças de gabinete”, um dos primeiros nomes atribuídos ao drama burguês, priorizava (e ainda o faz, em salas de visita), a vida privada e as relações intersubjetivas. Em tais obras, as personagens falam, em tese, de seus abatimentos pessoais e das impressões e opiniões sobre aquilo que lhe interessa. Obras e vidas blindadas. Dramas de si, de vidas em esferas privadas.

O teatro épico, cuja base original são as narrativas populares, apresentadas em espaços públicos, ao longo do processo estético-histórico foi estruturado a partir de distintas possibilidades. Assim, independentemente da estrutura característica, o teatro épico transita com aterramento histórico, em perspectiva social. Assim, por sua estrutura híbrida e teatralista, o épico admite a junção e embate entre o privado e o público, distintos expedientes de outras linguagens artísticas, o uso de distintos gêneros (não há aprisionamento a uma unidade estilística), as trocas de protagonismo em sua narrativa episódica; o trânsito por partituras com algumas lacunas a serem preenchidas em relação... É exatamente por aí que o espetáculo *Teatro-Baile Conta Missa do Vaqueiro – Em Processo* foi construído e estruturado. Como figura no título,

¹ Filho de operária, nascido em Vila Anastácio; mestre em Teatro e doutor em História Social (pela USP); professor aposentado do Instituto de Artes da Unesp; pesquisador e autor teatral.

trata-se de uma obra em processo, mas a perceber muitos méritos formais, tanto na escolha e tratamento do conteúdo, como no concernente ao uso de distintos expedientes estéticos.

Fruto de um intenso processo colaborativo de criação e de pesquisa do conjunto criador a formar o CTI – Teatro-Baile, cuja sede encontra-se localizada na Vila Ré (Zona Leste da cidade de São Paulo), a investigação estendeu-se ao lócus de origem das personagens e acontecimentos tratados na obra em destaque. O espetáculo do CTI – Teatro Baile presta uma homenagem, sobretudo à cultura e mentalidades nordestinas, e (re)conta, de modo épico e popular, alguns costumes de moradores de Serrita, em Pernambuco e os feitos e o assassinato do vaqueiro Raimundo Jacó (primo de Luiz Gonzaga). Entretanto, e de modo significativo, a artistada do CTI conta o acontecimento a partir de historicidade a compreender o modo como a comunidade local reconfigura o acontecimento. A partir de tal mote, de acordo com Beto Bellinati, consta do material de divulgação do coletivo a seguinte informação:

A Companhia tem se debruçado sobre um evento tradicional do sertão nordestino, que acontece desde 1970, durante o terceiro domingo de julho. “Na década de 1950, o vaqueiro Raimundo Jacó, que era primo de Luiz Gonzaga, apareceu morto na cidade de Serrita (PE). Vinte anos depois, o Padre João Cândia decidiu homenagear essa figura, e, por isso organizou uma missa. Ele convidou Gonzagão, que chamou outros amigos e artistas, como o poeta Pedro Bandeira e o compositor Janduhy Finizola, e a celebração foi ganhando uma outra dimensão. [...] a *Missa do Vaqueiro* de caracteriza em uma cerimônia cultural e religiosa cujo objetivo é enaltecer a vida sertaneja e o cotidiano do trabalho no campo. Há até um folheto e uma liturgia própria para a homenagem. Hoje, ela acontece em muitas cidades da região, não apenas em Serrita.

Tendo em vista o bárbaro ocorrido com Raimundo Jacó, na atualidade muita gente o considera um “vaqueiro encantado!”. Trata-se, portanto, de uma figura/ personagem alegórica a representar as barbáries cruéis, em distintos níveis, permanentemente perpetradas contra a gente dos Nordeste do Brasil.

A proposta de encenação tem proposição deambulante e instaura-se em três distintos espaços na sede da Companhia. Há um prólogo ou cortejo de entrada no qual algumas e sumárias informações, sobre a personagem-título e o processo de comemoração de sua existência serão apresentadas. Um segundo “passo” da encenação leva o público para um bar em Serrita, que apresenta dados históricos do contexto e do acontecido, enfatizando pessoas da localidade. Nesse pressuposto, a obra canta/ conta sobre a gente do local. O cenário é poético e tem uma beleza singela e surpreendente. No terceiro e último passo do espetáculo a obra se desenvolve em um imenso quintal, cujo cenografia é de arena e ali, ocorre uma narrativa mais dedicada ao Raimundo Jacó. A narrativa é apresentada em coro, bastante harmonioso, com a paramentação, em cena, de uma atriz (Mariane Lima), que lembrará o Vaqueiro

homenageado. A musicalidade é surpreendentemente bela e harmoniosa. Muitos são os instrumentos tocados comandados pela sanfona de Bia Nascimento.

A noite em que assisti ao espetáculo estava fria (mesmo sendo janeiro) e uma garoinha fina insistia em cair... entretanto, a obra enternecedora e aterrada pelo conjunto de intérpretes (a apresentar as personagens, a cantar, a dançar e a seduzir) permitiram que se vivesse um belo momento. De fora do espaço representacional, e desde o segundo passo, quem quis comeu e bebeu (paçoca, kariri com mel e pinga com mel e limão) e dançou!

Coesão do elenco, musicalidade potente e adereços muitos bonitos, com destaque à cabeça do boi e ao deslumbrante cachorrinho, de papel, manipulado.

Sob a batuta do valoroso Edu Brisa (que aliás acompanhou todo o espetáculo, como se estivesse vivendo um mágico e intensificado transe) vibrava como os olhos iluminados para a cena. Lembrei, ao vê-lo muitas vezes, como um faroleiro encantatório. Lembrei-me do poema *Os Ombros Suportam o Mundo*, no qual o poeta Drummond, em determinado momento afirma: “[...] Ficaste sozinho, a luz apagou-se/ Mas na sombra teus olhos resplandecem enormes/És todo certeza, já não sabes sofrer”.

Obra de tecimento e bordadura teatralista épico-populares. Em razão de a obra ainda encontrar-se em processo, muitos afinamentos têm de ser realizados, mas, penso, que um narrador/a seria fundamental para “esclarecer” a narrativa.

Da ficha técnica do espetáculo constam os seguintes nomes: Criação Coletiva da Cia. Teatro da Investigação - CTI - Teatro-Baile; Equipe criativa CTI - Teatro-Baile: Adriel Vinícius, Azre Maria Tarântula, Beto Bellinati, Bia Nascimento, Débora Peccin, Edu Brisa, Evandro Cavalcante, Fefê Camilo, Juliana Crifes, Kinda Marques, Mariane Lima, Michel Xavier, Roma Oliveira, Samara Neves, Ton Moura e Val Ribeiro; dramaturgia colaborativa, finalizada por Edu Brisa; direção: Edu Brisa; elenco: Adriel Vinícius, Azre Maria Tarântula, Beto Bellinati, Bia Nascimento, Débora Peccin, Edu Brisa, Evandro Cavalcante, Fefê Camilo, Juliana Crifes, Kinda Marques, Mariane Lima, Michel Xavier, Roma Oliveira, Samara Neves, Ton Moura e Val Ribeiro; direção musical: Fernando Alabê.